

CONVERSA AO PÉ DO RÁDIO

Discurso Sarney diz que não muda política econômica

O presidente da República, General Collor, praticamente a inauguração da hidrovia que acertamos com o presidente (Sanguinetti, do Uruguai, Andres Rodrigues, do Paraguai, presidente Raul Alfonsin, estão exercendo seu mandato de presidente da Argentina, o presidente Zanmora, como uma parte da política de integração. Infelizmente o caso do Panamá possa ter eleições livres, sem tráfico e sem ocupações militares, reintegrado ao grupo dos oito.

Todos sabem a política internacional que pratiquei. Resisti a pressões, ameaças, sanções, dificuldades, mas não entreguei um milímetro da soberania e do interesse nacional.

Outro assunto que quero abordar é a minha posição, a posição do governo em face da sanção do orçamento da República. Como todos sabem, antes tínhamos vários orçamentos: o fiscal, o monetário, o das estatais e etc. Hoje, nós temos apenas um, já falei, nesta conversa com as brasileiras e brasileiros, que a unificação do orçamento data de dois anos, há dois anos vem sendo feito assim, e foi um trabalho racional e executado pelo meu governo.

Todo o país desenvolvido, sério, que quer ter suas contas claramente abertas e definidas, tem um orçamento como hoje nós temos no Brasil e o Brasil não podia continuar no caso orçamentário que impedia qualquer controle. Pois bem, hoje temos um orçamento transparente, tudo o que se arrecada e tudo o que se gasta está ali, nenhuma despesa sem autorização do Congresso. O que se passa hoje com o orçamento de 1990, devem perguntar todos, uma vez que nós tivemos o nosso orçamento do ano presente atrasado. E que o orçamento de 1990, devido a dificuldades da elaboração, somente veio à sanção presidencial no dia 30 de janeiro passado, o que nos trouxe graves problemas.

Um deles, por exemplo, os vencimentos do funcionalismo público, como nós iríamos pagá-los? Além do mais, o orçamento chegou ao presidente com muitas dúvidas de ordem constitucional e de ordem legal. Eu então me perguntei, qual a posição a tomar. Vetar mais de cem itens para em seguida tentar recompor com propostas de lei e medidas provisórias ou sancionar simplesmente o orçamento.

Preferi sancioná-lo por dois motivos: primeiro, as modificações que eu teria de fazer eram tantas, de tamanha profundidade e amplitude que achei por bem não fazer qualquer delas, visto que o atual governo tem apenas quarenta dias. Seriam tantas as medidas a reformular que o governo poderia estar interferindo nos planos do próximo governo, mudando o orçamento dessa maneira. O segundo motivo é porque o futuro presidente tem a faculdade constitucional de propor ao Congresso as alterações que bem entender compatibilizando assim este orçamento de 90 com o seu programa de governo, fazendo as modificações que ele julgar necessárias.

Assim, quero deixar bem claro que a minha atitude foi uma atitude de grandeza e responsável, preocupado somente com o bem-estar do país. Eu mantenho firme a disposição de não criar qualquer dificuldade e fazer o melhor pela transição em benefício do Brasil. Todos sabem que a transição democrática é o grande orgulho que eu tenho e o grande trabalho que nós podemos fazer pelo País, deixando o Brasil em paz como a terceira democracia do mundo ocidental depois de assistirmos às eleições mais livres, mais abertas e mais democráticas já vividas pelo Brasil.

Assim, vamos todos manter a grande fé que temos em nosso País. Bom-dia e muito obrigado."

Brasileiras e brasileiros, aqui vos fala o presidente José Sarney em mais uma 'Conversa ao Pé do Rádio de todas as sextas-feiras, hoje, dois de fevereiro de 1990. Começo reafirmando, para cortar boatos, que o atual governo mantém o compromisso que anunciei logo após as eleições de dezembro: não farei qualquer alteração na política econômica vigente, nem medidas que possam de qualquer maneira mudar as regras de mercado.

Portanto, as notícias, boatos tão constantes, que anunciam a toda hora mudanças para provocar instabilidade e desconfiar não procedem. A transição far-se-á tranqüila e o novo governo executará o seu programa.

O que estamos fazendo é desenvolver esforços para que o quadro da economia, infelizmente com esta inflação cruel, mantenha-se estável através da indexação de preços e salários e de um controle orçamentário e de reservas, em que a economia continue organizada e funcionando como ela está.

Os especuladores, porém, explorando as naturais expectativas de mudanças que se esperam no futuro governo, espalham alarmes, induzem os incautos a preocupações que não se justificam. A nossa economia é sólida, mostrou que tem força de enfrentar crises e a crise que existe, como tenho dito, é a crise do Estado, não so-

mente no Brasil mas em todo o mundo.

Quanto ao futuro todos os brasileiros não apenas devem esperar redução dos efeitos da crise econômica mas torcer para que se consiga superar as dificuldades do País.

Finalmente, os sofrimentos e sacrifícios promovidos pelo Brasil para implantar a democracia é termos um presidente eleito pelo voto direto em eleições livres sem contestação, respaldam, sem dúvida, a certeza da nossa capacidade. É preciso, portanto, confiar porque, como repito sempre, o Brasil é maior do que todos os seus problemas. Portanto, nada de temores. Não vamos servir aos especuladores que são sempre os únicos que tiram vantagem dos boatos e medos da população.

E falando em especuladores é terrível mais uma vez ter de denunciá-los. Pois bem, à custa desses fatos que acabamos de relatar que se criam expectativas com a mudança de governo, recomencem as remarcações violentas muito acima da inflação. Isto é um crime contra o País, contra o povo e, sobretudo, contra a imagem dos bons empresários.

Brasileiras e brasileiros, estou saindo mas ainda tenho o dever de alertá-los: proteste, compare os preços, resista e não compre.

Quero também dizer que irei a Corumbá para o primeiro embarque de minério para o

BRASIL JUDICIAL